

DONA ZITA: AMAZÔNIDA QUE “PUXA” E CURA DORES E MALES DO CORPO

Enos Botelho Sarmiento¹

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de refletir a respeito dos saberes de cura por puxação exercidos por uma amazônida residente na comunidade ribeirinha Jacarequara, localizada na zona rural do município de Barcarena – PA. Conhecida carinhosamente por todos de sua comunidade como Dona Zita, ou Tia Zita, esta amazônida exerce um importante ofício em seu espaço de convivência: os saberes de cura por puxação, algo que segundo ela, já nasceu com as práticas de cura. Entre os saberes mais relevantes exercidos por Dona Zita destacam-se sua capacidade de puxar rasgaduras (luxações do corpo) e desmentaduras (deslocação de osso) decorrentes de diferentes causas. Os saberes exercidos por Dona Zita nos possibilitaram refletir nesse artigo sobre a importância dessas práticas em comunidades amazônidas onde o acesso aos postos de saúde torna-se escasso em caso de emergência. Para a construção desse artigo, foi necessário estabelecer diálogos no campo da Antropologia Social fundamentado em trabalho dos autores Natália Costa (2017) e Florêncio Vaz Filho (2016). Na relação do percurso da metodologia utilizada no artigo, nos pautamos nos instrumentos da História Oral, utilizando as perspectivas de Hampaté Bá (2010) e Queiroz (1988).

PALAVRAS-CHAVE: Dona Zita. Saberes de Cura. Amazônia.

DONA ZITA: “AMAZÔNIDA²” WHO “PULLS” AND HEALS BODY PAINS

ABSTRACT

This article aims to reflect on the knowledge of healing by “puxação” done by an Amazonian woman residing in the riverside community of Jacarequara, located in the rural area of the city of Barcarena – PA, Brazil. Affectionately known by everyone in her community as Dona Zita, or Tia Zita, this Amazon woman exercises an important role in her living space: the knowledge of healing by “puxação”, something that, according to her, was born with healing practices. Among the most relevant knowledge exercised by Dona Zita, it can be highlighted her ability to work with body and bone dislocations resulting from different causes. The knowledge exercised by Dona Zita allowed us to reflect in this article on the importance of these practices in Amazonia communities where access to medical services becomes scarce in case of emergency. To construct this article, it was necessary to establish dialogues in the field of Social Anthropology based on the works of authors Natália Costa (2017) and Florêncio Vaz Filho (2016). In the relation to the trajectory of the methodology used in the article, we were guided by Oral History instruments, using the perspectives of Hampaté Bá (2010) and Queiroz (1988).

KEYWORDS: Dona Zita. Knowledge of Healing. Amazon.

¹ Mestrando em História Social da Amazônia pela Universidade Federal do Pará – UFPA. E-mail: ennos.sarmiento@gmail.com

² “Amazônida” é um neologismo que se refere à pessoa que nasceu e vive na Amazônia. Não possui tradução para a Língua Inglesa.

1. INTRODUÇÃO

Em algumas regiões da Amazônia ocorre uma prática que ainda é exercida por muitas populações tradicionais para tratamento de diversas lesões musculares, torções e luxações: os saberes de cura através da puxação. De acordo com Vaz Filho (2016), os puxadores (puxadeiras) trabalham nas regiões lesionadas do corpo em caso de torções, distensões musculares, problemas nas articulações, contusões, luxações e toda sorte de baques que resultam em alterações anormais no corpo — conhecidas como desmentiduras. Para o autor, os puxadores exercem uma função crucial em muitas comunidades já que colocam os ossos “no lugar” em pessoas que se machucaram, por exemplo, em uma queda durante o trabalho ou em um jogo de futebol. Além do mais, “os puxadores (puxadeiras) também atendem mulheres grávidas, ajeitando a criança” (Vaz Filho, 2016, p. 20)

Em nossa viagem até a Ilha Trambioca buscamos saber a respeito do domínio que Dona Zita faz das técnicas de tratamento e de manipulação das plantas medicinais no processo de cura daqueles que a procuram. As táticas de cura utilizadas por essa puxadora nos permitem fazer uma reflexão sobre a infinidade de saberes da qual dispõem os povos amazônidas, suas particularidades e diversidade no uso de remédios oriundos de plantas medicinais, assim como a importância que eles carregam na manutenção dos conhecimentos milenares herdados principalmente dos povos indígenas.

Os recursos da metodologia da História Oral foram essenciais no processo de construção deste artigo. Ao longo de quase dois meses, algumas viagens até a localidade nos permitiram conhecer e conversar com Dona Zita e alguns moradores da comunidade Jacarequara. Verena Alberti (2005), ao discorrer sobre a História Oral como fonte de pesquisa, afirma que apesar de dispendiosa (pois trabalhar com ela requer tempo e recursos financeiros), uma das suas principais riquezas está no fato de que esse campo permite “o estudo das formas como as pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram as experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (Alberti, 2005, p. 155)

Corroborando as reflexões da historiadora, entendemos que os relatos orais se constituem como ferramenta de pesquisa de muito valor. Hampâté Bâ (2010) questiona de maneira positiva a relevância da oralidade para a historiografia: “Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? Os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo foram o cérebro dos homens” (Hampâté Bâ, 2010, p. 168). Maria Isaura de Queiroz (1988) afirma que, através dos séculos, o relato oral constituiu sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale a dizer também que fora a maior fonte de dados para as ciências em geral. (Queiroz, 1988).

As informações coletadas nos relatos orais me ajudaram na compreensão dos saberes de cura de puxação exercidos por Dona Zita e como a comunidade a observava. Além do mais, o diálogo construído com essa mestre de cura foi essencial nas reflexões dos métodos, nas formas de manipulação e no tratamento das plantas e folhas usadas no ato de cura de seus pacientes.

É crucial que, ao refletirmos sobre os saberes de cura por puxação em diferentes regiões da Amazônia, pensarmos em duas perspectivas presentes nessa arte de cura: social e científica. Há de se pontuar que as atuações dos mestres de cura nas comunidades tradicionais e indígenas transcendem o caminho da emergência e dos cuidados “caseiros”, pois esses indivíduos exercem esses saberes pelo bem de suas comunidades e não por finalidade remuneratória.

Estão focados única e exclusivamente na pessoa, no ser humano. “O grande desafio para a medicina na Amazônia e no mundo é tratar pacientes como indivíduos únicos, portadores de suas histórias, de seus laços familiares e seus temores” (Jennings, 2016, p. 63). É por gratidão que ao final do exercício, o beneficiado deixa um “agrado” ao puxador que não vende sua arte, mas a compartilha com os membros de sua comunidade, com todos que eventualmente necessitar.

Percebe-se, portanto, a socialização do saber, da arte e do dom de curar. Estes saberes que não são compartilhados com todos (pois apenas o que detém o “dom” possuem competência para curar as dores do corpo) são amparados por uma gama de conhecimentos que envolvem principalmente o uso de plantas medicinais. A manipulação dessas plantas não é utilizada de maneira aleatória, sendo necessário que o puxador de ofício domine o uso correto dos medicamentos.

Na comunidade Jacarequara, Dona Zita domina as técnicas corretas de uso e manipulação das plantas em sua comunidade. É sabido que existe uma diversidade de plantas usadas por puxadores no tratamento de rasgaduras e desmentiduras, e Dona Zita usa como recurso principal o leite extraído da árvore conhecida como fruta-pão³. Trata-se de uma técnica na qual se sangra a árvore com um objeto cortante (geralmente facão) para que o leite armazenado na árvore jorre e seja recolhido em uma vasilha de uso doméstico (tigela).

O leite da árvore de fruta-pão é essencial no tratamento utilizado por Dona Zita em seus pacientes, pois eles possuem poder de cura quando aplicados em luxações e torções. Este líquido tem poder cicatrizante e aderente que, em contato com a região doente, promove um positivo processo de

³ A **fruta-pão**, também conhecida como jaca-de-pobre, é uma fruta de origem asiática que pode ser consumida cozida, frita, refogada, assada ou *in natura*.

cura. Nesse sentido, percebe-se o conhecimento empírico demonstrado por essa amazônida que usa a ciência e seus conhecimentos medicinais em prol de sua comunidade.

Herança indígena, os saberes de puxação são na realidade um conjunto de artes de cura que envolvem principalmente habilidades e técnicas terapêuticas aplicadas em diferentes partes do corpo humano deslocadas ou lesionadas. Conhecida em diferentes regiões da Amazônia e muito difundida em comunidades tradicionais (ribeirinhos) e indígenas, esses saberes reúnem diferentes formas de tratamento de cura em regiões onde o trabalho envolve árduas tarefas como carregar pesos, escalar árvores, entre outros.

É importante pensarmos que a Amazônia carrega em seu bojo cultural uma infinidade de práticas e saberes próprios de cada lugar, e isso faz com que essa grandeza de conhecimentos sobre a Amazônia e seus povos torne-se quase infinita, uma vez que não são de todo conhecidos ou estudados.

Segundo Silas Guerriero (2009), a cultura é a chave no processo de diferenciação das particularidades comportamentais entre as populações, pois estas são constituídas pela prática de simbolizar os costumes através de suas vivências, que levam em consideração aspectos como símbolos, o cotidiano da paisagem, dos movimentos da natureza (Guerriero, 2009). Tendo em vista a diversidade da Amazônia no seu aspecto populacional, é possível inferir a presença de um ambiente multicultural que leva em conta fatores diversos envolvendo a natureza, a fé e as crenças.

Morin (2014) afirma que somos seres culturais, psicológicos, biológicos e físicos. Imersos nesses quatro aspectos, contrapõe-se as disjunções ou as especializações no que concerne às ciências humanas e sociais abrindo caminhos de possibilidades para as reflexões no campo diverso cultural humano. Refletir as crenças, as tradições a fé e os conhecimentos que constituem esse aparato cultural diverso na Amazônia, é fundamental na compreensão deste universo multicultural ainda em andamento nos estudos e nas pesquisas. “Se habitamos na Amazônia, somos alinhavados em nossas cosmologias pelos conhecimentos do mundo indígena em profundas interconexões” (Sarraf-Pacheco, 2012, p. 199).

2. OS SABERES DE CURA DE DONA ZITA

Nosso diálogo envolve esses saberes praticados por uma mestre de cura tida como referência em seu espaço de atuação: Raimunda Trindade, conhecida por todos como Dona Zita, remanescente de quilombolas e uma prestigiada puxadora que reside na Ilha Trambioca, na comunidade Jacarequara,

zona rural do município de Barcarena, no Pará. No mapa abaixo, é possível visualizarmos a localização exata da ilha, onde está localizada a comunidade Jacarequara, residência de Dona Zita.

Figura 1 – Ilha Trambioca



Fonte: Google Maps, 2021

Na figura acima é possível ver o território da Ilha de Trambioca, que faz parte do município de Barcarena-PA. O detalhe em branco é onde está localizada a comunidade Jacarequara, residência de Dona Zita e onde ela exerce seus saberes de cura. Residem na comunidade Jacarequara cerca de duzentos moradores que exercem principalmente as atividades de pesca artesanal, de coleta de açaí e do cultivo de pequenos roçados.

No que tange pensar sobre os saberes de cura por puxação exercidos por Dona Zita na comunidade Jacarequara, estes se destacam por terem características próprios desta puxadora, formas de uso das plantas e espécies, assim como o movimento específico das mãos e exercícios de tratamento transmitidos de gerações anteriores para aqueles que se dedicam ao aprendizado e exercício destes saberes.

Ao pensarmos essa prática de cura exercida por Dona Zita, percebemos a importância que estes amazônidas têm sobre o corpo humano e a confiança que lhes são dados, pois em muitos casos de acidentes provocados por quedas, luxações que acontecem em jogos de futebol, rasgaduras por carregamento de peso, geralmente a preferência é pelos saberes de cura, e não por um hospital. Percebe-se que os moradores da comunidade preferem se cuidar com Dona Zita do que ir até um posto de saúde. Importante destacar que o termo rasgadura neste caso substitui a palavra lesão: cada músculo lesionado seja ele das costas, do braço, ou qualquer outro, é uma rasgadura; uma única pessoa pode sofrer várias rasgaduras de uma só vez.

Abramovay (2020), ao refletir sobre os saberes ancestrais desenvolvidos pelos povos amazônidas, considera que esses conhecimentos representam valores fundamentais não só do ponto do ponto de vista prático, tecnológico e instrumental, mas também na maneira como são vividas e elaboradas as relações entre sociedades humanas e natureza.

A linguista Nathalia Costa, desenvolveu em sua pesquisa de tese de doutoramento um estudo sobre a análise de etnotermos presentes no sistema de cura e cuidados do povo Mundurukú. No processo desenvolvimento da pesquisa, a autora valeu-se de narrativas de pajés, parteiras e puxadores da etnia indígena. Nathalia Costa (2017) conclui que:

Além de nascerem com uma predisposição para exercer aquela função, é preciso aprender, com especialistas mais experientes, a dominar o conhecimento sobre fito e zooterápicos, as técnicas específicas para exercer sua função e, naturalmente, aprender com o outro pajé, puxador ou parteira a atender aos requisitos práticos de sua especialidade, além de conhecimentos cosmológicos e rituais inerentes a um especialista Mundurukú em sua especialidade. Todo esse conhecimento é transmitido oralmente, de especialista para especialista, de geração em geração. (Costa, 2017, p. 21).

Sustentada pelas narrativas dos interlocutores, a autora pontua que os saberes dos puxadores não se dão de maneira aleatória. É necessária uma ritualística que envolve antes de tudo o critério de eleição do indivíduo a qual os conhecimentos serão repassados (predisposição). Tais conhecimentos são transmitidos principalmente por intermédio da oralidade.

Conversar com Dona Zita não foi uma tarefa simples, pois uma característica bastante comum, presente em muitas comunidades de zona rural, é a vergonha e a restrição em receber estranhos em casa. Por indicação de alguns moradores locais, cheguei pela manhã na residência de Dona Zita quando de longe a avistei em uma barraca que fica atrás de sua casa. Para minha surpresa, ela me recebeu muito gentilmente dizendo que no momento não estava puxando porque esteve recentemente doente. Dona Zita pensou que eu fui até lá para “me puxar” de alguma rasgadura (puxar, na linguagem de Dona Zita, é o efeito de massagear até encontrar o exato local lesionado). No diálogo, falei que estava ali com o objetivo de conhecer um pouco de seus saberes de cura de puxação, e ela de bom grado aceitou compartilhar comigo.

No primeiro momento da conversa, interrogo Dona Zita que inicia sua fala relatando sobre o processo de iniciação na cura por puxação:

Eu puxo desde novinha sabe meu filho, desde muito cedo eu tinha a mão boa pra puxar, aí a mamãe foi vendo que eu tinha o dom sabe. A pessoa que tem o dom ela consegue puxar e achar a rasgadura sabe, é ela acha, aí com a puxação a gente consegue juntar a carne que tá rasgada sabe, aí puxa, puxa com bem azeite de andiroba, e tem que ser azeite verdadeiro não pode ser azeite misturado. Não pode deixar vento na rasgadura também, você tem que tirar tudo o vento, porque o vento faz doer a rasgadura sabe, é. Depois que puxa a gente emplasta, é. Eu gosto de emplastar com o emplasto de sabiá misturado com o leite de fruta-pão meu filho. Cura muito rápido. E tem que resguardar pra não passar mal meu filho, porque se não nunca a pessoa fica boa sabe. A pessoa se rasga porque carrega muito peso sabe, ou até mesmo quando a gente dá um rejeito sabe, é. Eu já puxei muita gente que vem aqui meu filho os meninos que tão com rasgadura, peito aberto, espinhela caída tudo vem aqui comigo é, pra mim puxar eles. Eu boto tudo eles bonzinho meu filho. Mas eu sempre digo pra eles, olha tem que resguardar, se não, não fica curado. (Trindade, 2021, informação verbal)⁴.

O diálogo prossegue, e Dona Zita fala dos saberes de puxação de desmentiduras:

Quando o osso dismente meu filho, ele sai do lugar sabe, e tem que saber colocar no lugar, o nosso osso meu filho é como a boneca sabe, você sabe aquelas bonequinhas de brinquedo? Pois então! Não tem quando você tira a perna da boneca do lugar? Assim e o osso da gente meu filho, sai do lugar. Então tem que ter o jeito pra colocar no lugar pra junta da gente ir pro lugar. A gente tem que puxar com bem azeite de andiroba e ir puxando até ir pro lugar. (Trindade, 2021, informação verbal).

Ao conversamos com Dona Zita, percebemos que seus conhecimentos a respeito dos saberes de puxação são muito bem definidos e defendidos por ela, pois nota-se alguém com extrema experiência na arte de cura dos males do corpo e da carne causados por fatores diversos. Torna-se

⁴ Informação fornecida por Raimunda Trindade em 10/01/2021

evidente que em seus saberes há uma ligação muito forte com o mundo mítico, tendo a natureza como a mãe provedora de todas as matérias-primas necessárias para a cura: as folhas, os óleos massageadores, o leite que emana da árvore e que “cola o emplastro na rasgadura”, tudo é dominado por Dona Zita que os manipula muito bem.

O jeito correto para achar e puxar a rasgadura, o uso do azeite de andiroba para massagear e “fechar a carne”, o resguarde após a puxação para se concretizar o processo de cura, são indicativos muito claros que provam o valor dessa verdadeira artista na arte de cura, e o fato de que Dona Zita leva a sério esses saberes que ela carrega consigo desde jovem, o faz respeitada em seu espaço de atuação. Em uma rápida troca de palavras com alguns moradores locais, as falas são unânimes a respeito de Dona Zita. Em uma breve conversa, Raimundo Ribeiro, morador da localidade, relata a importância da puxadora na comunidade:

Ela é uma puxadora muito boa, uma médica pra nós aqui. Tem muita gente que vem aqui, até gente de fora que deixa de ir pra Barcarena pra vim aqui com ela, se cuidar de peito aberto ou rasgadura, ela sabe de muito remédio bom. (Ribeiro, 2020, informação verbal)⁵.

Conhecendo a comunidade, em dado momento encontro o morador Antoniel Souza, residente em uma comunidade vizinha. Antoniel aceitou conversar comigo. No seu depoimento, fala sobre a importância dos saberes de cura de Dona Zita:

Ela é uma excelente puxadora. Sabe de muito remédio e conhece quando a pessoa tá com algum osso fora do lugar. As vezes a gente gosta de jogar uma bolinha né. Já aconteceu da gente torcer o pé no campo, ou até mesmo no trabalho né. A gente aqui trabalha no pesado né. Na roça, na pesca e as vezes acontece da pessoa fazer esforço né, e acaba se rasgando (risos). (Souza 2021, informação verbal)⁶

Nota-se através dos relatos de Antoniel Souza e de Raimundo Ribeiro⁷, que os saberes de cura exercidos por Dona Zita promovem um ambiente interacionista entre os membros da comunidade e fora dela. Para Águida Demetrio (2017) as práticas ritualísticas promovem esse ambiente de relações. Conforme a autora, esses rituais de cura “possibilitam formas de sociabilidade e interação entre os membros do grupo social, ainda que em determinados espaços geográficos tornem-se cada vez menos comum” (Demetrio, 2017, p. 72.)

O trabalho de Águida Demetrio (2017) é uma comprovação dessa lógica interacionista. No entanto, foi possível notar em Jacarequara uma leve presença e influência do pentecostalismo, mas isso

⁵ Informação fornecida por Raimundo Ribeiro em 13/01/2021.

⁶ Informação fornecida por Antoniel Souza em 13/01/2021.

⁷ O relato dos interlocutores foi previamente autorizado para gravação e posterior publicação em revista científica.

não foi suficiente para embarçar as atividades de Dona Zita e seus saberes de cura nessa comunidade. Percebe-se que a lógica interacionista, da qual a autora comenta, rompe o ambiente de relações humanas, pois é na natureza que ela também encontra espaço, haja vista que os tratamentos feitos pelos puxadores estão definitivamente conectados com a natureza.

É importante mostrarmos que a ciência está aberta a novas possibilidades e que precisamos ter mais sensibilidade ao olhar para os outros conhecimentos, não hegemônicos, existentes ao nosso redor, na Amazônia (Castro; Cavalcante, 2019). O trabalho exercido pelas puxadoras são fundamentais e necessários, principalmente em uma região isolada com baixos investimentos em saúde pública. Essas mulheres são verdadeiras “agentes da saúde” em seus locais de atuação. É interessante notarmos o orgulho de Dona Zita pelo que ela faz, de como ela preza sua identidade amazônica, e é nítido que suas atividades sempre são pautadas nessa forte relação com a natureza, sempre buscando nesta a cura para os males do corpo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizamos este artigo com uma sensação de satisfação, de dever cumprido. Elegemos a isso o fato de tornar público saberes amazônicos que ainda permanecem invisíveis. Obviamente que citamos anteriormente alguns trabalhos já desenvolvidos sobre os saberes de puxação na Amazônia. Mas ao tornar conhecidos os saberes exercidos por Dona Zita, percebemos as particularidades e personalidades dos saberes de puxação existentes nas diferentes regiões da Amazônia.

Os saberes envolvendo as plantas medicinais, a manipulação e uso correto delas, além dos critérios para o repasse do ofício dos saberes de cura, mostram a Amazônia no seu aspecto de saberes e rituais múltiplos, e que não pode ser enxergada a partir de uma ótica singular.

Os saberes de cura de Dona Zita são extremamente importantes para a comunidade Jacarequara. O fato de a comunidade elegê-la como uma verdadeira “sacerdotisa da Amazônia” o faz respeitada em seu ambiente de convívio, trabalho e exercício de seu ofício dos saberes de cura.

As habilidades de manipular remédios caseiros de seu conhecimento, como os quais foram relatados em seu depoimento, mostram um profundo conhecimento demonstrado pelos povos amazônicos que além de amigos da natureza, utilizam dos recursos da floresta a seu favor.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. Maior riqueza do Brasil não é só natureza, mas também povos da floresta. **Blog de Ricardo Abramovay**. 24 out. 2020. Disponível em: <http://ricardoabramovay.com/maior-riqueza-do-brasil-nao-e-so-natureza-mas-tambem-povos-da-floresta>. Acesso em: 22 mai. 2021.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 1 ed., p. 155-202. São Paulo: Contexto, 2005.
- CASTRO, Miriam de Araújo Mafra; CAVALCANTE, Rubia Maria Farias. Saberes de cura e práticas corporais. **Marupiará – Revista Científica do CESP/UEA**, n. 3, p. 153-170, abr. 2019. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/marupiará/article/view/1453>. Acesso em: 25 mai. 2021.
- COSTA, Nathalia Martins Peres. **Etnoterminologia na língua Mundurukú (Tupí)**: sistema de cura e cuidado na voz de pajés, parteiras e puxadores de desmentidoras. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- DEMETRIO, Águida Meneses Valadares. **Lazer e agricultura familiar**: complementares ou antagonicos nos aspectos socioeconômicos no projeto de assentamento Tarumã Mirim?. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.
- GUERRIERO, Silas. As origens dos antropos. *In*: GUERRIERO, Silas *et al* (Org.). **Antropos e Psique**: O outro e sua subjetividade. 9 ed. São Paulo: Olho D'Água, 2009.
- HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. *In*: KI-ZERBO, Joseph. **História Geral da África I: Metodologia e Pré-História da África**. 2 ed. Brasília: Unesco, 2010.
- JENNINGS, Erik. Mais pajés, menos médicos. **Revista Vox S/A**. Santarém, 13 ed., p. 62-63, mar. 2016.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2014.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. *In*: **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice/Ed Revista dos Tribunais, 1988.
- RIBEIRO, Raimundo. Depoimento [Jan. 2021]. Entrevistador. Enos Botelho Sarmiento. Barcarena: Comunidade Jacarequara, 2021. Entrevista concedida para a pesquisa de campo sobre saberes de puxação.
- SARRAF-PACHECO, Agenor. Cosmologias afroindígenas na Amazônia Marajoara. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. v. 44, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10219>. Acesso em: 26 mai. 2023.

SOUZA, Antoniel. **Depoimento [Jan. 2021]**. Entrevistador. Enos Botelho Sarmiento. Barcarena: Comunidade Jacarequara, 2021. Entrevista concedida para a pesquisa de campo sobre saberes de puxação.

TRINDADE, Raimundo. **Depoimento [Jan. 2021]**. Entrevistador. Enos Botelho Sarmiento. Barcarena: Comunidade Jacarequara, 2021. Entrevista concedida para a pesquisa de campo sobre saberes de puxação.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. **Pajés, benzedores, puxadores e parteiras**. 1 ed., v. 1. Santarém: Ufopa, 2016.

Data de submissão: 22/09/2022

Data de aprovação: 28/10/2023